

A PALATALIZAÇÃO EM CODA EM FLORIANÓPOLIS/SC: VARIÁVEIS SOCIAIS

THE PALATALIZATION IN CODA POSITION IN FLORIANÓPOLIS/SC:

SOCIAL VARIABLES

Cláudia Regina Brescancini

Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/CNPq

bresc@pucrs.br

RESUMO: Este estudo, conduzido à luz da Teoria da Variação (LABOV, 1972, 2001), pretende examinar a produção variável das fricativas palato-alveolares em posição de coda em três localidades do município de Florianópolis-SC, a saber, Barra da Lagoa, Ribeirão da Ilha e o centro urbano. Sendo o objetivo o exame do status da variante palato-alveolar na comunidade em termos de produtividade, prestígio e diferenças locais motivadas pelo histórico de ocupação da cidade, apenas as variáveis sociais Localidade, Gênero, Faixa Etária e Escolaridade são examinadas a partir de uma amostra de 100 informantes. Os resultados indicam que a variante palato-alveolar é predominante e estável. As mulheres e os indivíduos mais escolarizados tendem a produzi-la mais recorrentemente. Discute-se ainda o papel da ocupação profissional dos informantes na produção palato-alveolar em coda e da influência exercida pela presença crescente de turistas e novos moradores nas comunidades.

PALAVRAS-CHAVE: Palatalização. Coda. Variáveis Sociais

ABSTRACT: This study aims at studying the variable production of palato-alveolar fricatives in coda position in three Florianópolis-SC communities (urban area, Barra da Lagoa and Ribeirão da Ilha) under the perspective of Linguistic Variation Theory (LABOV, 1972, 2001). As the goal is to explore the palato-alveolar variant status in the community in terms of productivity, prestige and local differences motivated by the city occupation history, only Place, Gender, Age and Schooling social variables are examined from a sample of 100 informants. The results show that the palato-alveolar variant is predominant. Women and educated informants tend to produce it recurrently. The influence of the informant professional occupation in the production of the palato-alveolar variant and the influence of tourists and new residents in the communities are also discussed.

KEYWORDS: Palatalization. Coda. Social Variables

A PALATALIZAÇÃO EM CODA: DEFINIÇÃO

Do ponto de vista fonético, a palatalização é vista como um “termo rótulo” (LAHIRI; EVERS, 1991) para uma série de processos com características diferenciadas, cujo denominador comum é o movimento de aproximação do corpo da língua em direção à área correspondente do palato duro. Desse modo, entende-se que as consoantes palato-alveolares [ʃ, ʒ], assim como as palatais, incluem-se no fenômeno geral de palatalização a partir da compreensão de que não só um formato de língua frontal alto, equivalente à vogal [i],

constitui um indicativo do fenômeno, mas também um formato de língua cupulado que se localiza por trás da constrição coronal.

Do ponto de vista fonológico, em língua portuguesa, segundo Câmara Júnior (1977[1953], p.45-46), a oposição existente na posição de ataque entre consoantes fricativas alveolares (assa x asa) e palato-alveolares (acha x aja) anula-se em posição de coda, onde as quatro possibilidades de realização funcionam de acordo com as oposições entre não-palatalização e palatalização (fe[s]ta ~ fe[ʃ]ta; me[z]mo ~ me[ʒ]mo) e entre vozeamento e ausência de vozeamento (fe[s]ta e me[z]mo; fe[ʃ]ta e me[ʒ]mo). Desse modo, tem-se em posição final de sílaba e final de palavra [s] ou[ʃ] antes de consoante surda ou pausa e [z] ou [ʒ] antes de consoante sonora, apontando o fim do contraste surdo/sonoro e alveolar/palato-alveolar, pois a ocorrência do vozeamento passa a ser determinada pela qualidade surda ou sonora da consoante seguinte e a ocorrência da palatalização pelo falar em questão (CÂMARA Jr, 1977[1953], p. 113).Do mesmo modo, em fronteira de palavra diante de vogais é prevista a ocorrência apenas de [z] (mai[z] atrasada), muito embora a variante palato-alveolar vozeada também seja registrada em variedades do português (como em mai[ʒ] atrasada, conforme aponta Brescancini (2002) para a variedade florianopolitana).

Estudos conduzidos à luz da Teoria da Variação (LABOV, 1972; 2001) (como Pessoa (1986) para Natal-RN; Callou e Moraes (1996) para o Rio de Janeiro-RJ; Hora (2003) para João Pessoa-PB; Mota (2002) para Salvador, dentre outros) têm identificado nos últimos anos as variedades do português brasileiro (doravante PB) em que a fricativa palato-alveolar é produzida variavelmente em coda, assim como também os condicionamentos sociais e linguísticos que atuam na produção. É com esse panorama ainda em construção que este estudo pretende colaborar ao examinar tal processo variável em três localidades do município de Florianópolis-SC, marcadamente influenciadas pela imigração açoriana e madeirense iniciada em 1748.

Como o objetivo será examinar o status da variante palato-alveolar na comunidade em termos de produtividade, prestígio e diferenças locais motivadas pelo histórico de ocupação da cidade, apenas as variáveis sociais Localidade, Gênero, Faixa Etária e Escolaridade serão consideradas. Para tanto, a metodologia adotada na condução do estudo é exposta na próxima seção, onde também é apresentada uma descrição de cada localidade em exame. Seguem-se descrição e análise dos resultados e considerações finais.

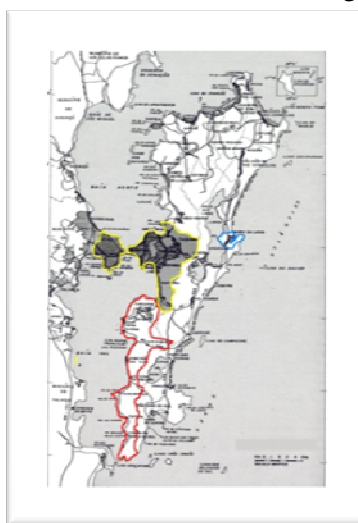
2 METODOLOGIA

2.1 As localidades em exame

Este estudo tem por objeto o português falado em três distritos do município de Florianópolis, Santa Catarina, a saber, o distrito de Florianópolis, o distrito do Ribeirão da Ilha e distrito da Barra da Lagoa, identificados no mapa a seguir pelas cores amarela, vermelha e azul, respectivamente.

Capital do estado de Santa Catarina, o município de Florianópolis configura-se por duas porções de terras: uma referente à Ilha de Santa Catarina, com área de 424,4 Km², e outra porção localizada na área continental, com 12,10 Km², conhecida como continente.

Figura 1 – Município de Florianópolis-SC: distritos de Florianópolis, Ribeirão da Ilha e Barra da Lagoa



O distrito sede de Florianópolis, que abrange o lado oeste da Ilha de Santa Catarina e a porção continental, constitui a região mais povoada do município. Foi justamente nessa localidade que se deu a fundação da cidade, denominada inicialmente de Desterro ou Nossa Senhora do Desterro, entre os anos de 1673 e 1675 (SANTOS, 1995, p. 42), pelo bandeirante paulista Francisco Dias Velho, que ergueu uma pequena capela no local ocupado hoje pela Catedral Metropolitana no centro da cidade. As primeiras 60 famílias açorianas que chegaram à Ilha a partir de 1748 se estabeleceram principalmente nesse pequeno núcleo urbano.

O desenvolvimento local foi impulsionado pela organização do Porto de Desterro e pelo crescimento das atividades comerciais, aquecidas pelo comércio internacional a partir do século XIX.

No início do século XX, o distrito sede já apresentava considerável modernização. Um dos principais símbolos dessa época, caracterizadores da chegada da modernidade à Ilha, é a Ponte Hercílio Luz, inaugurada em 1926 e responsável pela ligação Ilha-Continente. A partir de então, o município passa, aos poucos, a se articular por meio de rodovias com as principais cidades do Estado e com as capitais vizinhas.

Com a decadência das atividades portuárias, a cidade entra em estagnação. Somente volta a crescer a partir da década de 60, quando se inicia um processo intenso de metropolização motivado principalmente pela implantação da Universidade Federal de Santa Catarina, da Eletrosul (Centrais Elétricas do Sul do Brasil S/A) e pela entrada do grupo gaúcho RBS (TV Florianópolis) em 1979. A conclusão da BR-101 e a modernização do sistema de comunicações telefônicas também constituíram eixos importantes de desenvolvimento da capital (SCHMEIL, 1994).

Tais instituições atraíram para o centro urbano estudantes e profissionais de nível superior de diversas partes do estado, do país e do mundo, que passaram a dividir o espaço urbano com os habitantes nativos e, inevitavelmente, exerceram influência no processo de cosmopolitização da cidade. Já em 1980, o censo demográfico registrava a diminuição no percentual de habitantes florianopolitanos na cidade e maior participação principalmente de gaúchos, paranaenses, cariocas, paulistas e catarinenses provenientes do interior do estado.

É a partir da década de 60 que o cotidiano do florianopolitano passa também a ser influenciado pela presença do turista nos meses de verão, provenientes principalmente de São

Paulo, Rio Grande do Sul e do interior do estado de Santa Catarina. A presença de argentinos ainda era esporádica nessa época, mas começa aumentar na década de 70 e atinge grande crescimento na década de 80.

É nesse distrito, pois, que está hoje a parte mais urbana do município, onde se localizam os órgãos administrativos estaduais e municipais, a universidade federal e estadual e a maior parte do comércio. Encontra-se aqui o cidadão urbano, ou o *manezinho*¹ urbano, nas palavras de Caldas Filho (1995, p. 19), cuja atividade profissional está geralmente ligada a órgãos públicos, à prestação de serviços, ao turismo ou ao comércio.

O distrito do Ribeirão da Ilha, criado em 1809, caracteriza-se como uma das mais antigas freguesias da Ilha de Santa Catarina. Com uma área estimada em 51,54 km², localiza-se na parte meridional da Ilha, junto à baía sul.

É nessa região que se encontra o conjunto arquitetônico mais completo representativo da presença açoriana ainda existente em Florianópolis e que se mantém fiel a sua edificação original (PEREIRA et al., 1991, p. 41). Tanto a Igreja de Nossa Senhora da Lapa bem como muitos dos casarões da Freguesia² acabaram sendo tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nas décadas de 70 e 80.

A formação da Vila do Ribeirão deu-se de acordo com um processo de ocupação espontâneo, iniciado pela miscigenação entre índios Carijós, os primeiros habitantes da região, e espanhóis, e efetivado com a chegada dos açorianos entre 1748 e 1756. A atividade econômica exercida nessa região nos séculos XVIII e XIX foi a agricultura, desenvolvida principalmente por influência dos imigrantes açorianos. Nas encostas cultivava-se mandioca, cana, milho, feijão e café (VÁRZEA, 1900, p. 127). Contavam-se na região ainda muitos engenhos de açúcar, de aguardente e de mandioca. A pesca passou a ser também praticada e ocasionou uma divisão nítida do espaço na localidade, cortada pela estrada: do lado do mar, estabeleceram-se os ilhéus pescadores e do lado oposto da estrada, nas encostas dos morros, os ilhéus agricultores.

Hoje em dia, são poucos os que ainda vivem da agricultura e em menor número ainda os que vivem da pesca. Como consequência, a maioria de seus habitantes nativos que exercem atividade remunerada se desloca para o centro urbano do município.

A terceira localidade inserida em nossa pesquisa, Barra da Lagoa, um dos distritos de criação mais recente (1995), constitui um desmembramento do distrito da Lagoa da Conceição. Com uma área de 4,75 Km², localiza-se na costa leste da Ilha de Santa Catarina, junto ao canal que liga a Lagoa da Conceição ao Oceano Atlântico. Calcula-se que sua ocupação tenha se dado há aproximadamente 260 anos por imigrantes açorianos, como um prolongamento da ocupação da Lagoa da Conceição.

Devido à distância considerável que separa esse distrito do centro do município, o distrito sede, e a precariedade da estrada que fazia tal ligação, a região da Barra vivenciou certo isolamento até meados dos anos 70. São vários os relatos que confirmam as dificuldades enfrentadas por seus moradores para chegar até o distrito sede, já que para tanto percorriam longas distâncias a pé. Em épocas de chuva, a única possibilidade era a travessia de barco.

¹ A origem real da denominação é desconhecida. Caldas Filho (1995) aponta duas possibilidades: (a) seria uma criação de certa elite cidadina formada por famílias européias ou nordestinas para designar, em tom pejorativo, os descendentes dos açorianos estabelecidos na Ilha de Santa Catarina ou (b) teria sido criada na própria Ilha, pelos ilhéus interioranos.

² Denominação dada aos arraiaes que foram se constituindo na Ilha como uma irradiação do núcleo urbano de Desterro (cf. VÁRZEA, 1900, p. 117).

A principal atividade econômica da Barra da Lagoa foi a pesca artesanal e, ainda hoje, a localidade é conhecida como um dos maiores núcleos pesqueiros da Ilha. O comércio de verão passou a ser, principalmente nos últimos trinta anos, uma fonte de renda importante para muitas famílias barrenses, uma vez que o local apresenta hoje em dia intenso movimento turístico.

As transformações decorrentes dessa atividade são evidenciadas na proliferação de bares e restaurantes, de casas de veranistas, situadas lado a lado das casas mais rústicas dos antigos habitantes, e de pousadas.

Com a melhoria das condições da estrada e do transporte público, a região, antes habitada apenas por pescadores e suas famílias, descendentes de açorianos e portugueses, tem recebido, além da população flutuante no verão, novos moradores provenientes de outros estados, como Rio Grande do Sul e São Paulo, e de outros países, como Argentina e Uruguai.

Apesar dessas modificações, a Barra ainda preserva a forte herança de suas raízes culturais, encontrada nas feições dos nativos, na sua fala rápida, no vocabulário e em muitas atividades tradicionais, como a produção da renda de bilro, de tarrafa e na gastronomia especializada em pescado. É nesse distrito que se encontra o típico *manezinho da ilha*, o “beira de praia”, de acordo com Caldas Filho (1995, p. 19), isto é, o ilhéu interiorano pescador ou filho de pescador.

2.2 A amostra

A presente pesquisa conta com um total de 100 informantes, sendo 48 informantes pertencentes à região urbana do município (distrito de Florianópolis) e 52 informantes pertencentes às regiões interioranas (distrito do Ribeirão da Ilha e distrito de Barra da Lagoa).

O corpus referente ao distrito de Florianópolis conta com 30 entrevistas provenientes do banco de dados do Projeto VARSUL (Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil)³ e 18 entrevistas coletadas entre 2000 e 2001, atingindo, portanto, um total de 48 entrevistas. A decisão sobre tal número de informantes baseou-se no método *aleatório estratificado* (OLIVEIRA E SILVA, 1992, p. 104), de acordo com o qual a população é dividida em *células sociais*, ou seja, em unidades compostas, cada uma, de indivíduos com as mesmas características sociais.

O corpus referente ao Ribeirão da Ilha, coletado entre 1994 e 1995 e entre 2000 e 2001, apresenta 24 informantes, 12 homens e 12 mulheres, sendo 19 deles distribuídos entre 25 a 40 anos de idade, 41 a 60 anos de idade e 61 ou mais anos de idade, e 5 informantes entre 15 a 20 anos de idade.

O corpus referente à Barra da Lagoa, coletado entre 2000 e 2001, é composto por 28 entrevistas⁹: 14 homens e 14 mulheres, sendo 19 deles distribuídos entre 25 a 40 anos de idade, 41 a 60 anos de idade e 61 ou mais anos de idade, e 9 entre 15 a 20 anos de idade.

Os indivíduos que a compõem são falantes da língua portuguesa, nascidos e residentes nos distritos mencionados. Quanto ao corpus do Projeto Varsul, os informantes declaram-se filhos de pais nascidos no município de Florianópolis. Tanto os informantes do Ribeirão da

³ As entrevistas do Banco de Dados do Projeto Varsul que são utilizadas no presente estudo foram coletadas em 1990, 1997, 1998 e 1999.

⁹ As amostras referentes a Florianópolis, 2000-2001, e ao Ribeirão da Ilha, 1994-1995 e 2000-2001, foram coletadas pela pesquisadora. O trabalho de coleta da amostra referente à Barra da Lagoa foi realizado em conjunto com Carla Valle (VARSUL/UFSC).

Ilha quanto os informantes da Barra da Lagoa declaram-se filhos de pais nascidos especificamente nessas localidades. Todos os entrevistados informaram ter vivido, no mínimo, 2/3 partes de suas vidas na localidade onde nasceram.

As entrevistas, gravadas em fita cassete de 60' e posteriormente digitalizadas, apresentam, em média, a duração de uma hora e versam sobre lembranças do passado de Florianópolis, histórias da infância e da família, julgamentos sobre as consequências do turismo na Ilha, a relação do nativo com o “novo morador”, culinária local, entre outros assuntos.

De cada uma das 100 entrevistas que compõem a amostra, realizamos a transcrição fonética de aproximadamente 20 minutos de cada entrevista, obtendo, assim, 12.882 ocorrências de /S/ para o distrito de Florianópolis, 5.009 ocorrências para o distrito do Ribeirão da Ilha e 7.543 ocorrências para o distrito da Barra da Lagoa, somando na amostra geral 25.434 ocorrências.

2.3 Variáveis operacionais

Neste estudo, postula-se como variável linguística dependente a palatalização da fricativa em posição de coda. As variantes em competição são, portanto, quatro:

Fricativa Alveolar [s, z]

Fricativa Palato-Alveolar [ʃ, ʒ]

Fricativa Glotal [h, ħ]

Zero Fonético

De acordo com Brescancini (1996), a variante palato-alveolar é mais recorrente na amostra e o apagamento e a fricativa glotal ocorrem raramente⁴. Esperamos encontrar na presente pesquisa uma distribuição semelhante.

As *variáveis sociais* consideradas neste estudo são Localidade, Faixa Etária, Gênero e Escolaridade.

A inclusão da variável *Localidade* no presente estudo tem por objetivo possibilitar a verificação da influência que o grau de isolamento vivenciado por cada comunidade no passado exerceu no comportamento linguístico de seus habitantes. Os fatores que compõem a variável são:

Distrito de Florianópolis

Distrito do Ribeirão da Ilha

Distrito da Barra da Lagoa

Parte-se da hipótese de que os falantes do distrito da Barra da Lagoa - dos três analisados, o que manteve certo grau de isolamento por mais tempo - desfrutaram de maiores condições para a manutenção da variante fricativa palato-alveolar em posição de coda, herança portuguesa trazida pelos imigrantes açorianos. Os falantes do distrito de Florianópolis, por outro lado, são os que reúnem mais condições para o enfraquecimento da variante palato-alveolar, uma vez que essa região sempre desfrutou de maior interação sócio-cultural-espacial com pessoas de outras localidades, intensificada principalmente a partir da década de 60 com a chegada de novos moradores, conforme exposto na seção anterior.

⁴ Não estamos considerando para esse resultado as ocorrências de apagamento da fricativa morfema de plural no sintagma nominal e da fricativa indicadora de desinência número-pessoa por considerarmos que tais casos estejam relacionados a questões morfossintáticas e não puramente fonológicas.

Espera-se que os falantes do distrito do Ribeirão da Ilha, área interiorana onde o processo de urbanização se iniciou mais cedo com relação à Barra da Lagoa, aproximem-se mais do comportamento linguístico dos falantes urbanos do que dos barrenses.

Relacionada principalmente à variável Localidade, propõe-se a variável *Sentimento do Nativo em relação ao Turista e aos Novos Moradores*, com base no estudo de Labov (1972) realizado na Ilha de Martha's Vineyard, onde a alta centralização da vogal dos ditongos decrescentes é correlacionada com expressões de identidade local e resistência à incursão de veranistas. Procurou-se verificar na presente amostra a possibilidade de uma relação análoga entre maior produção da variante fricativa palato-alveolar em posição de coda e avaliação negativa do habitante nativo diante da presença crescente de novos moradores e turistas em sua localidade. Para tanto, durante a entrevista, procurou-se detectar qualquer manifestação negativa, positiva ou neutra do informante com relação a esse tema. Ao final, reunimos as informações prestadas e atribuímos a cada informante um dos fatores a seguir:

Sentimento Positivo: relacionado, de modo geral, à ideia de que as pessoas de fora colaboram para o progresso da localidade, seja com seu trabalho, seja com o turismo;

Sentimento Negativo: relacionado, de modo geral, à ideia de que as pessoas de fora poluem as praias, trazem “maus costumes” que passam a ser imitados pelos jovens nativos ou ocupam o espaço no mercado de trabalho que seria do ilhéu;

Sentimento Neutro

Não mencionou

O padrão de distribuição do comportamento linguístico através de vários grupos etários no presente – a chamada distribuição em tempo aparente – visa estabelecer uma relação entre gerações sucessivas de falantes, com características sociais comparáveis, e a disposição de formas linguísticas. O pressuposto para uma investigação linguística baseada nesse tipo de distribuição, de acordo com Labov (1972, p. 163), é a ideia de que cada uma das gerações representa estágios na evolução linguística da mesma comunidade de fala. Desse modo, a fim de se verificar se a variante se encontra em situação estável, com tendência à propagação, conforme propõe Furlan (1982), ou se dá mostras de enfraquecimento, propõe-se para a presente pesquisa que cada um dos distritos examinados apresente uma divisão etária em três faixas, com aproximadamente 20 anos de diferença entre uma e outra, a saber:

25- 40 anos

41- 60 anos

61 anos ou mais

Para os distritos do Ribeirão da Ilha e da Barra da Lagoa, há ainda uma quarta faixa etária, de 15 a 20 anos.

A diferença no padrão de variação linguística entre homens e mulheres tem sido apontada por um considerável número de estudos sociolinguísticos. Assim como o indivíduo, ao longo do processo de socialização, internaliza a identidade do gênero a que pertence, também incorpora o correspondente comportamento de fala, reforçado pela divisão de função, posição, valores e normas entre os dois sexos na sociedade.

Com relação ao processo de palatalização da fricativa em posição de coda, o estudo preliminar de Brescancini (1996) realizado na comunidade aponta as mulheres jovens como mais favorecedoras, resultado esse também esperado na presente amostra para todas as localidades.

A importância da *Escolaridade* na avaliação de uma variável linguística justifica-se pela crença de que há na sociedade uma estratificação social dos grupos baseada no grau de instrução de seus membros.

Embora Labov (1972, p. 115) advirta que o melhor retrato da posição social de uma variável seja obtido a partir da combinação de pelo menos dois indicadores sócio-econômicos, dentre escolaridade, ocupação e renda, na presente pesquisa partimos do pressuposto de que o dialeto da elite é mais representativo em indivíduos que apresentam mais anos de escolarização, não estando diretamente relacionado, portanto, ao grupo de indivíduos que detém maior poder econômico.

Nesse sentido, a avaliação social da variedade linguística é diretamente proporcional ao prestígio que desfrutam seus usuários na sociedade: a variante com status superior é geralmente adotada pelos falantes mais escolarizados, de maior prestígio na comunidade; a variante com status inferior, por outro lado, é adotada pelos falantes menos escolarizados, de menor prestígio na comunidade.

Os resultados da pesquisa preliminar realizada em Florianópolis (BRESCANCINI, 1996) apontaram que, especificamente para o distrito de Florianópolis, a variável escolaridade não desempenhou papel estatisticamente relevante. Já para a região do distrito do Ribeirão da Ilha, os resultados indicaram diferenças significativas entre os três níveis de escolaridade analisados: 0-4 anos, 5-8 anos e de 9 a 11 anos.

No presente estudo, incluímos um quarto fator – 14 anos ou mais de escolaridade –, com o objetivo de verificar quantitativamente se a variante palato-alveolar em posição de coda desfruta de prestígio entre os falantes nativos, já que, de acordo com Furlan (1982, p. 79), essa variante é registrada na fala de “professores universitários e indivíduos dos mais elevados cargos sociais e políticos”.

Desse modo, os fatores, distribuídos por anos de escolarização, passaram a ser:

- 0-5 anos
- 6-9 anos
- 11 anos
- 14 anos ou mais.

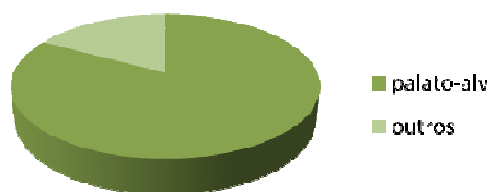
A codificação das ocorrências da amostra geral deu-se de acordo com as variáveis linguísticas⁵ e sociais consideradas, a fim de que os dados pudessem ser submetidos ao pacote de programas Varbrul 2S.

3 RESULTADOS

Com relação à variável dependente, os resultados estatísticos referentes à análise binária apontam para a variante palato-alveolar como predominante na amostra, conforme o esperado, em 83% das ocorrências, de acordo com o Gráfico 1 a seguir. As variantes que constituem o valor de não-aplicação apresentam, portanto, o menor índice, de 17%.

⁵ As variáveis linguísticas consideradas neste estudo foram Posição da Fricativa na Palavra, Contexto Precedente, Contexto Seguinte, Traço [voz] do Contexto Seguinte, Acento e Função Morfológica do /S/.

Gráfico 1 – Frequência Geral: Fricativa Palato-Alveolar e Outras Variantes



Com relação às variáveis independentes sociais, os resultados, apresentados na Tabela 1 a seguir, indicam que, conforme o esperado, a região da *Barra da Lagoa* surge como a que mais produz a variante palato-alveolar em posição de coda, com peso relativo de 0,55. *Ribeirão da Ilha* e *Florianópolis* exibem o mesmo comportamento com relação ao processo variável, com pesos relativos de 0,49 e 0,48, respectivamente, ambos ao redor do ponto de referência.

Tabela 1 – Variável Região e Produção da Fricativa Palato-Alveolar em Posição de Coda

FATOR	APLIC./TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO
Barra da Lagoa	4.519/5.292	85%	0,55
Ribeirão da Ilha	3.159/3.841	82%	0,49
Florianópolis	10.056/12.126	83%	0,48
TOTAL	17.734/21.259	83 %	

input 0,88
significância 0,000

A maior proximidade dos resultados para Florianópolis e Ribeirão da Ilha e a maior distância desses dois distritos com relação ao distrito da Barra da Lagoa parece estar relacionada ao diferente processo de urbanização sofrido pelas localidades. Enquanto o isolamento experienciado por longo tempo pelo distrito da Barra a Lagoa, devido a precariedade da estrada de ligação com o centro da cidade, parece ter propiciado a manutenção da variante palato-alveolar, a maior interação sócio-cultural-espacial com pessoas provenientes de outras localidades vivenciada no distrito sede de Florianópolis parece ter estimulado a maior penetração da variante alveolar. O distrito do Ribeirão da Ilha, por sua vez, dá mostras de acompanhar o comportamento do distrito sede, o que se compreende pelo contato diário de grande parte de seus moradores com as regiões mais urbanas da Ilha, onde exercem suas atividades profissionais.

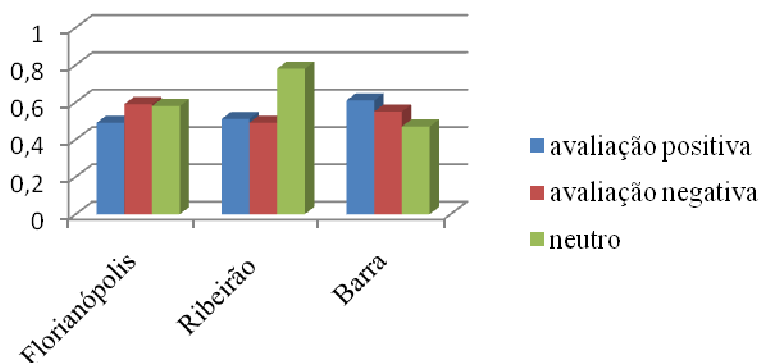
Conforme atestam os próprios informantes em diversos momentos das entrevistas (ver Apêndice), a produção da fricativa palato-alveolar em posição de coda é de fato uma das marcas linguísticas de identidade do ilhéu, assim como também a fala rápida, o vocabulário e as expressões características.

No entanto, a hipótese de que o falante nativo estaria espelhando nos índices relativamente altos de produção da fricativa palato-alveolar uma forma de fortalecimento da identidade ilhoa, ameaçada, de certo modo, pelo contato com outras culturas, não foi estatisticamente confirmada. A relação entre maior produção da fricativa palato-alveolar e avaliação negativa da presença de turistas e novos moradores, proposta para a variável *Sentimento do Nativo em relação ao Turista e Novos Moradores*, não ofereceu resultados estatisticamente significativos nessa direção, conforme mostra o Gráfico 2 adiante.

A análise do papel da variável *Sentimento do Nativo em relação ao Turista e Novos Moradores* para cada um dos distritos analisados indica que os moradores do distrito sede de

Florianópolis que mais produzem a variante palato-alveolar são aqueles que revelam tanto uma avaliação negativa (0,59), quanto aqueles que apresentam posição neutra (0,58) com relação à questão da presença de pessoas de fora na Ilha, seja na categoria de turista ou de novo morador. Os indivíduos com aplicação neutra da regra (0,49) avaliam positivamente a presença de turista e novos moradores.

Gráfico 2 – Produção Palato-Alveolar em Posição de Coda: Região e Sentimento do Nativo em relação ao Turista e Novos Moradores



Para o Ribeirão da Ilha, o quadro delineia-se de modo completamente diferente. Não há diferença significativa entre a produção da variante palato-alveolar para os indivíduos que exibem avaliação positiva ou negativa. Os valores dos pesos relativos situam-se ao redor do ponto de referência (0,51 e 0,49, respectivamente). Já os indivíduos que revelam uma avaliação neutra à questão são os usuários mais prováveis dessa variante, com peso relativo de 0,78.

Para a Barra da Lagoa, de modo oposto ao obtido para Florianópolis, o maior peso relativo (0,61) encontra-se entre os que avaliam positivamente a presença de turistas e novos moradores. Um pouco abaixo, com peso relativo de 0,55, estão os que a avaliam negativamente. O peso relativo indicativo de pouco favorecimento à produção palato-alveolar (0,47) refere-se aos que são neutros à questão.

Com relação à variável *Faixa Etária*, a proximidade do ponto de referência 0,50 exibida pelos fatores expressos na Tabela 2 adiante conduz à conclusão de que a idade do falante não tem efeito significativo na produção ou não da variante palato-alveolar em posição de coda. Não há indício de perda de vitalidade e nem tampouco de fortalecimento em direção à propagação, mas sim de estabilidade.

As faixas referentes aos mais idosos, *61 anos ou mais*, e aos mais jovens, de *25 a 40 anos*, exibem pesos relativos praticamente idênticos, de 0,52 e 0,51, respectivamente. A faixa etária intermediária, de *41 a 60 anos*, situa-se um pouco abaixo, com peso relativo de 0,47.

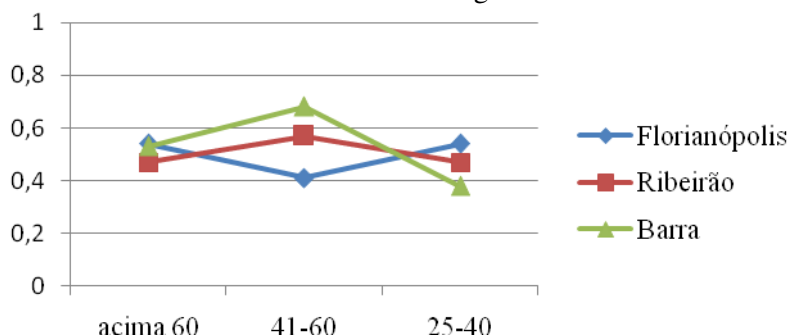
Tabela 2 - Variável Faixa Etária e Produção Palato-Alveolar em Posição de Coda

FATOR	APLIC./TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO
61 anos ou mais	5.317/6.304	84%	0,52
de 41 a 60 anos	5.464/6.713	81%	0,47
de 25 a 40 anos	6.953/8.242	84%	0,51
TOTAL	17.734/21.259	83 %	

input 0,88
significância 0,000

O exame de cada faixa etária em relação a cada um dos distritos, expresso no Gráfico 3 a seguir, aponta que a faixa intermediária, de 41-60 anos, se comporta de modo diferenciado. Enquanto essa é a faixa indicativa do ponto de pico na curva referente ao Ribeirão da Ilha e também à Barra da Lagoa, para Florianópolis constitui a faixa indicativa do ponto de depressão.

Gráfico 3 – Produção da Variante Palato-Alveolar em Posição de Coda:
Faixa Etária e Região



Os adultos da *Barra da Lagoa* são os que mais produzem a variante palato-alveolar em posição de coda, com peso relativo equivalente a 0,68, seguidos pelos adultos do *Ribeirão da Ilha*, com peso relativo de 0,57. Os informantes com a mesma característica social originários de *Florianópolis* situam-se abaixo do ponto de referência, com peso relativo de 0,41, indicativo de pouco favorecimento à variante.

A faixa etária referente aos mais idosos exibe um comportamento bastante semelhante para cada uma das regiões, sempre ao redor do ponto de referência. *Florianópolis* e *Barra da Lagoa* apresentam tendências praticamente idênticas, com pesos relativos de 0,54 e 0,53, respectivamente. O *Ribeirão da Ilha* situa-se um pouco abaixo, com peso de 0,47.

Na faixa relativa aos adultos jovens, 25-40 anos, nota-se, em comparação à faixa anterior, maior proximidade entre os resultados de cada uma das regiões. Os adultos jovens de Florianópolis são os que apresentam maior peso relativo, de 0,54. Os informantes da mesma faixa do Ribeirão e da Barra exibem resultados abaixo do ponto de referência, de 0,47 e 0,38, respectivamente, apontando assim para um menor favorecimento.

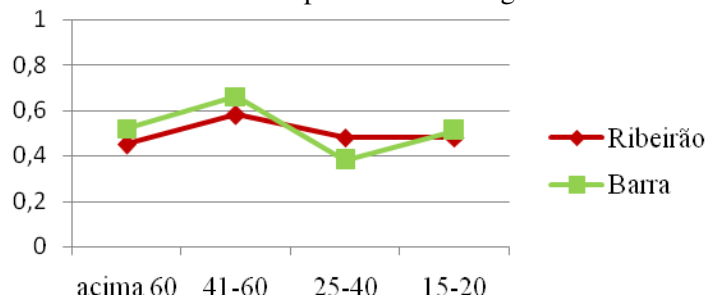
Observa-se que Florianópolis e Ribeirão da Ilha se mostram muito semelhantes com relação ao comportamento das faixas etárias extremas, visto que os idosos (61 anos ou mais) e os adultos jovens (25-40 anos) em cada uma dessas localidades apresentam pesos relativos idênticos: 0,47 para Florianópolis e 0,54 para o Ribeirão da Ilha.

O exame do padrão de curva representativo da *Barra da Lagoa* aponta para a perda de vitalidade da variante palato-alveolar nesse distrito, já que o maior peso relativo representado no Gráfico 3 – 0,68 – , referente à faixa de 41-60 anos dessa localidade, contrasta com o menor peso relativo obtido – 0,38 –, referente à faixa 25-40 anos. Embora a curva representativa do distrito do *Ribeirão da Ilha* apresente a mesma orientação da obtida para a Barra da Lagoa, observa-se que a queda verificada entre essas duas faixas é menos abrupta, de 0,57 (41-60 anos) para 0,47 (25-40 anos).

De modo contrário ao padrão representativo das regiões interioranas da Ilha de Santa Catarina, *Florianópolis* dá mostras de que a variante palato-alveolar se fortalece na geração 25-40 anos em comparação a geração 41-60 anos: o menor peso relativo referente à faixa 41-60 anos representado no Gráfico 3, de 0,41, contrasta com o maior peso relativo referente à faixa 25-40, de 0,54.

Diante de tais resultados, poderíamos concluir que (a) *Florianópolis* e *Ribeirão da Ilha*, áreas de contato mais antigo, apresentam comportamento idêntico com relação à produção da variante palato-alveolar entre adultos jovens e idosos e (b) *Barra da Lagoa* e *Ribeirão da Ilha*, áreas menos urbanas, dão mostras de que a variante palato-alveolar está perdendo força (principalmente na *Barra da Lagoa*) e que apenas *Florianópolis*, região mais urbana, tende a propagá-la. A fim de obter um quadro mais claro a respeito do status da variante palato-alveolar nos dois distritos do *interior da Ilha*, incluímos na amostra a faixa jovem 15-20 anos. O Gráfico 4 adiante expõe os resultados.

Gráfico 4 – Produção Palato-Alveolar em Posição de Coda: Faixa Etária e Região (inclusão da Faixa 15-20 anos para Barra da Lagoa e Ribeirão da Ilha)



O peso relativo demonstrado pelos jovens do Ribeirão da Ilha é exatamente idêntico ao obtido para os adultos jovens da faixa anterior, de 0,48, o que parece apontar para a manutenção do status da variante na comunidade. Já para os jovens da Barra da Lagoa, o peso relativo de 0,51 indica aumento considerável na produção da variante palato-alveolar para essa faixa em comparação aos adultos jovens, cujo peso é de 0,38.

Conclui-se, portanto, com base no formato de curva obtido no Gráfico 23 anterior, que nas regiões interioranas da Ilha de Santa Catarina a variante palato-alveolar também não se mostra enfraquecida, mas tende à estabilidade. A maior distância entre as regiões interioranas (Ribeirão e Barra) e a região urbana (Florianópolis) quanto à produção da fricativa palato-alveolar em posição de coda está, pois, na faixa correspondente aos adultos (41-60 anos). Cremos ser possível supor que o comportamento exibido por esse grupo se justifica pelo próprio processo de modernização sofrido principalmente pelo distrito de Florianópolis.

Os informantes da amostra em análise inseridos nessa faixa etária são representativos do sistema linguístico adquirido justamente nas décadas de 60, 70 e 80, quando a cidade passou a receber grande fluxo de turistas e novos moradores, provenientes principalmente do Rio Grande do Sul, interior do estado de Santa Catarina, Paraná e São Paulo. O “novo morador”, em especial, passou a desfrutar de certo prestígio na comunidade, visto que provinha de centros mais urbanizados do que a capital até então e possuía, em sua maioria, maior escolaridade, o que possibilitou a ocupação de cargos de destaque.

Diante desse quadro, presume-se que a convivência cada vez mais intensa com pessoas que majoritariamente utilizavam a variante alveolar em posição da coda exerceu influência sobre os jovens da época, muitos dos quais passaram a “imitar” a fala do novo grupo, como consequência do choque de comportamentos culturais distintos, em que o cidadão urbano simboliza o novo, a modernidade, e o ilhéu, o antigo, o conservador.

Nesse sentido, a depressão verificada na curva referente à faixa 41-60 anos parece indicar que é o ilhéu urbano o mais afetado pelo prestígio social do novo morador. O ilhéu interiorano da faixa correspondente dá mostras de ter sido menos influenciado por esse processo ou até mesmo de ter estado alheio a esse processo.

Este tipo de identificação por parte de um grupo da comunidade de fala com relação a um grupo exterior é encontrado no clássico estudo de Martha's Vineyard por Labov (1972). Embora as características da pesquisa desenvolvida presentemente sejam diferentes, pode-se afirmar que em um aspecto os dois trabalhos se aproximam, ou seja, há um grupo linguisticamente influenciado pelo prestígio social que atribui ao status do cidadão proveniente de áreas mais desenvolvidas. No caso de Martha's Vineyard, apesar de ser a centralização da vogal base dos ditongos [aw] e [ay] a pronúncia característica dos mais jovens, há um grupo entre eles que foge a este padrão, composto por aqueles que ambicionam se estabelecer no continente. No caso do distrito de Florianópolis, são os adultos, na faixa de 41 a 60 anos, e que vivenciaram intensamente o processo de desenvolvimento do centro urbano na capital principalmente a partir da década de 60, os que se distanciam do padrão geral do município de Florianópolis.

Os resultados referentes à variável Gênero, apresentados na Tabela 3 a seguir, confirmam a hipótese inicial sobre o predomínio das mulheres na produção palato-alveolar em posição de coda nos distritos florianopolitanos em exame. Enquanto os homens apresentam baixo índice de favorecimento, com peso relativo de 0,43, as mulheres atingem o peso relativo de 0,57.

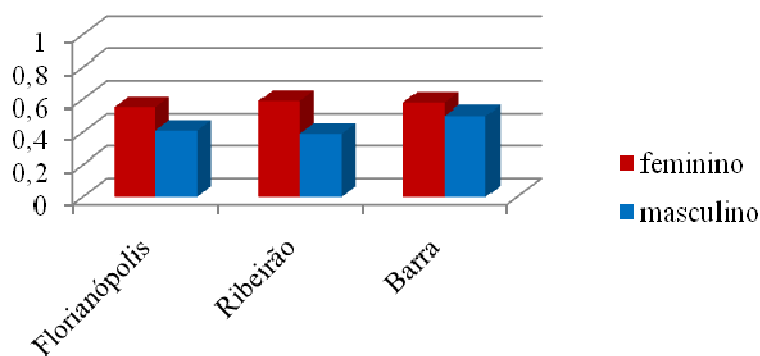
Tabela 3 - Gênero e Produção da Fricativa Palato-Alveolar em Posição de Coda

FATOR	APLIC./TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO
Masculino	8 402/10 495	80%	0,43
Feminino	9 332/10 764	87%	0,57
TOTAL	17 734/21 259	83%	

input 0,88
significância 0,000

Embora seja esperado que em cada um dos distritos examinados as mulheres superem os homens quanto à produção da variante palato-alveolar em posição de coda, verifica-se no Gráfico 5 a seguir que entre as mulheres das regiões examinadas não há diferença significativa, uma realidade, porém, não observada entre os homens. Para as mulheres, os pesos relativos obtidos são sempre indicativos do favorecimento: Barra da Lagoa e Ribeirão da Ilha apresentam praticamente o mesmo índice, de 0,59 e 0,58, respectivamente; Florianópolis situa-se um pouco abaixo, com peso relativo de 0,55.

Gráfico 5 – Produção da Variante Palato-Alveolar em Posição de Coda: Gênero e Região

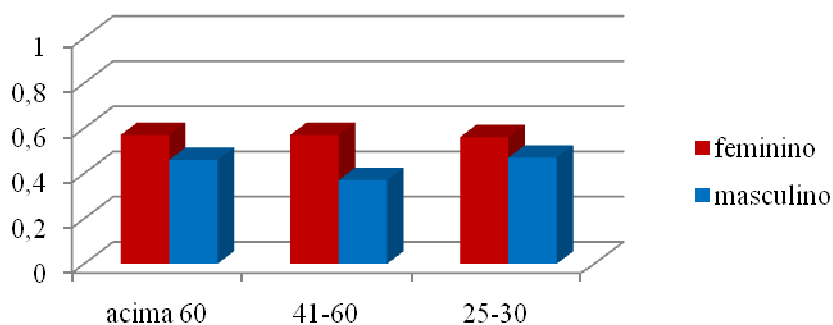


Para os homens, as diferenças entre as regiões são mais significativas e repetem exatamente o padrão obtido para a variável Região, ou seja, maior proximidade entre a produção da variante palato-alveolar para Florianópolis e Ribeirão da Ilha, com pesos

relativos localizados abaixo do ponto de referência de 0,41 e 0,39, respectivamente, e maior favorecimento para o distrito da Barra da Lagoa, com peso relativo de 0,50, apontando para a neutralidade.

Resultado análogo se observa para a relação entre Gênero e Faixa Etária, exposta no Gráfico 6 a seguir. Novamente, entre as mulheres os pesos relativos são praticamente idênticos para todas as faixas de idade: 0,57 para os idosos, 0,57 para os adultos e 0,56 para os adultos jovens. Os homens exibem, por sua vez, exatamente o padrão geral apresentado na Tabela 2, ou seja, pesos relativos idênticos entre a faixa dos idosos (0,46) e dos adultos jovens (0,47) e uma pequena depressão na faixa intermediária, com peso de 0,37.

Gráfico 6 - Produção da Variante Palato-Alveolar em Posição de Coda:
Gênero e Faixa Etária

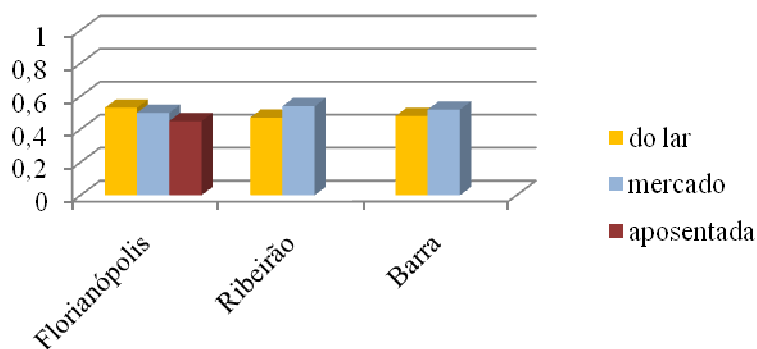


Conclui-se, a partir de tais resultados, que as mulheres não só estão à frente dos homens quanto a produção da fricativa palato-alveolar, visto que os pesos relativos demonstrados para esse fator são sempre mais elevados e situados acima do ponto de referência, como também se comportam de modo mais homogêneo.

No entanto, homens e mulheres exibem um padrão semelhante por região quando se correlaciona o tipo de ocupação exercida pelo informante e o aumento ou diminuição no uso da variante palato-alveolar. Esse resultado foi atingido através do estabelecimento de mais uma variável social, *Ocupação do Informante*, criada a partir da variável *Informantes* e de dados pessoais registrados na ficha social de cada indivíduo que compõe a amostra. O objetivo principal dessa investigação é verificar se a situação de maior interação sócio-cultural propiciada pelo ambiente de trabalho, principalmente para aqueles que exercem sua atividade profissional no distrito sede, influencia a produção da fricativa palato-alveolar em posição de coda.

Com relação às mulheres, três fatores puderam ser delineados: *aposentadas*, *inseridas no mercado de trabalho* e *do lar*. Apenas o distrito de Florianópolis apresenta dados para o fator *aposentadas* na amostra analisada. O exame inicial dos resultados obtidos, apresentados no Gráfico 7 a seguir, aponta para dois padrões gerais, um exibido por Florianópolis e outro, por Ribeirão da Ilha e Barra da Lagoa.

Gráfico 7 – Produção Palato-Alveolar em Posição de Coda:
Ocupação das Mulheres e Localidade



Com relação ao distrito de Florianópolis, o maior peso relativo indicativo de favorecimento à produção da fricativa palato-alveolar, de 0,53, está entre as mulheres *do lar*, seguidas de perto pelas mulheres *inseridas no mercado de trabalho*, com peso relativo exatamente no ponto de referência 0,50. As mulheres que já se retiraram do mercado de trabalho exibem peso relativo de 0,45, mais próximo do obtido para as mulheres *inseridas no mercado*⁶.

Para os distritos do interior da Ilha, o padrão se inverte, ou seja, o maior peso relativo relaciona-se às mulheres inseridas no mercado de trabalho: 0,54 para o Ribeirão da Ilha e 0,52 para a Barra da Lagoa. As donas de casa dessas duas localidades exibem pesos relativos semelhantes, de 0,48 para a Barra e de 0,47 para o Ribeirão.

O fato de as mulheres exercerem sua atividade profissional no distrito sede, onde a interação com pessoas de outras localidades no ambiente de trabalho é maior, não parece exercer influência significativa na produção da variante palato-alveolar nos distritos interioranos. Das informantes ribeironenses inseridas no mercado de trabalho, 80% exercem sua atividade profissional no distrito sede de Florianópolis. Já para as barrenses, apenas 16% daquelas inseridas no mercado de trabalho se deslocam para o centro urbano da capital, ou seja, a grande maioria – 84% –, exerce alguma atividade remunerada no próprio distrito. Mesmo assim, a diferença entre *do lar* e *inseridas no mercado* é praticamente a mesma (0,06 para Ribeirão e 0,05 para Barra).

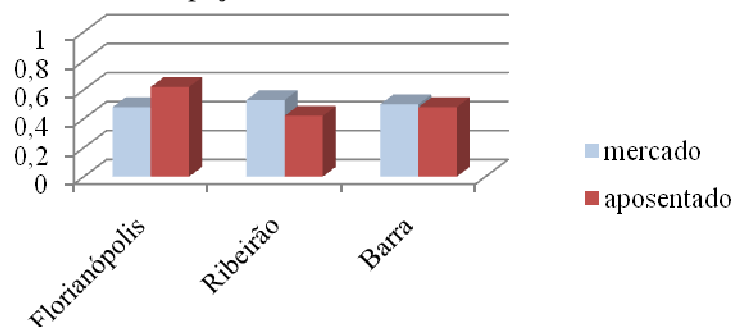
Desse modo, os resultados parecem mostrar que a maior interação sócio-cultural-espacial vivenciada diariamente pelas mulheres *inseridas no mercado de trabalho* no centro urbano do município não tem a mesma influência em florianopolitanas e ribeironenses. Enquanto para as primeiras tende a acarretar maior sensibilidade ao padrão nacional alveolar em posição de coda, para as mulheres do Ribeirão ocasiona o movimento contrário, isto é, aumento na produção da variante palato-alveolar.

Para os homens, a relação entre *Ocupação do Informante* e *Localidade* é bastante semelhante ao obtido para as mulheres, no sentido de oferecer um padrão de comportamento diferenciado da variável em exame entre o ilhéu urbano e o ilhéu interiorano. Os fatores que compõem a primeira variável para esse grupo são *aposentados* e *inseridos no mercado de trabalho*.

⁶ Não é estatisticamente aconselhável amalgamar os fatores *inseridos no mercado de trabalho* e *aposentadas*. De acordo com o cálculo de X^2 realizado, $p > 0,1$, ou seja, a diferença expressa pelos fatores é realmente significativa e não deve ser eliminada.

Os indivíduos *inseridos no mercado de trabalho* não apresentam pesos relativos muito diferenciados para cada uma das localidades, conforme indica o Gráfico 8 a seguir. Os homens do Ribeirão são os que mais produzem a variante palato-alveolar em posição de coda, com peso relativo de 0,53. São seguidos de perto pelos homens da Barra da Lagoa (0,50) e pelos homens de Florianópolis, (0,48).

Gráfico 8 – Produção Palato-Alveolar em Posição de Coda:
Ocupação dos Homens e Localidade



Nota-se que, ao contrário das mulheres, a maioria dos homens nativos das regiões interioranas que estão inseridos no mercado de trabalho exerce sua atividade profissional no distrito sede de Florianópolis (78% dos riberonenses e 75% dos barrenses), o que significa um tipo de interação sócio-cultural-espacial semelhante para os ilhéus interioranos masculinos em exame e, conseqüentemente, funciona como mais uma prova de que o fato de se exercer atividade profissional no distrito sede não influencia significativamente a produção da variante palato-alveolar nos distritos interioranos.

A maior distância entre os resultados no Gráfico 8 está, pois, entre os aposentados. Enquanto esses indivíduos em Florianópolis produzem a variante palato-alveolar com índice claro de favorecimento, de 0,62, o grupo equivalente do Ribeirão da Ilha mostra-se pouco favorecedor, com peso relativo de 0,42, e o da Barra, próximo ao ponto neutro (de 0,48).

Entre homens e mulheres, é também na classe dos *aposentados* que se encontra a diferença mais significativa: enquanto o peso relativo referente à produção da variante palato-alveolar para as mulheres aposentadas (0,45) aproxima-se mais do expresso para as inseridas no mercado de trabalho (0,50), para os homens a distância entre tais fatores é a maior do Gráfico 8. Esse resultado parece ir ao encontro do comportamento já relatado em outros estudos para homens aposentados, ou seja, o de que esse grupo tende a alterar a variedade linguística em uso, resgatando, muitas vezes, aquela que adotava na juventude (BROUWER; HOUT, 1992, p. 119). O presente estudo defende, com base no processo em exame, que as mulheres, ao se retirarem do mercado de trabalho, ao contrário, tendem a manter a variedade linguística em uso até então.

A situação de variação estável detectada para a produção palato-alveolar em posição de coda recebe ainda suporte do fato de que essa variante é mais produzida pelas mulheres. De acordo com Labov (1972, p. 301), em situação de variação estável, as mulheres tendem a se aproximar mais da norma estabelecida pela comunidade em que estão inseridas do que os falantes masculinos. Além disso, o papel mais favorecedor das mulheres aponta para a tendência de propagação da variante palato-alveolar para as gerações futuras, já que, conforme o constatado, as crianças são influenciadas muito mais pelas mulheres do que pelos homens na fase em que estão formando suas regras linguísticas com rapidez e eficiência.

Os resultados para a variável Escolaridade, expostos na Tabela 4 adiante, apontam para a confirmação da hipótese sobre a valoração social positiva da fricativa palato-alveolar em posição de coda, pois o maior índice, expresso pelo peso relativo 0,56, encontra-se entre os indivíduos mais escolarizados, com *14 anos ou mais* de escolarização.

As faixas *0-5 anos* de escolarização e *11 anos* de escolarização apresentam peso relativo idêntico de 0,47. A faixa intermediária entre essas, *6-9 anos* de escolarização encontra-se apenas uma pouco acima, com peso relativo de 0,51, ao redor do ponto de referência⁷.

Tabela 4 - Escolaridade e Produção da Fricativa Palato-Alveolar em Posição de Coda

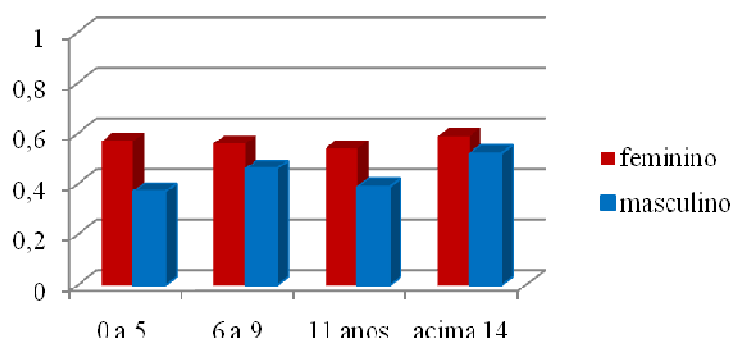
FATOR	APLIC./TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO
0 - 5 anos	5.621/6.905	81 %	0,47
6 - 9 anos	4.295/5.098	84 %	0,51
11 anos	3.746/4.575	82%	0,47
14 anos ou mais	4.072/4.681	87 %	0,56
TOTAL	17.734/21.259	83%	

input 0,88
significância 0,000

Estudos realizados à luz da Teoria da Variação Linguística já atestaram que homens e mulheres não respondem do mesmo modo às pressões sociais com relação às formas linguísticas de prestígio, o que se explica não só pela diferença comportamental entre os dois sexos, mas também pela diferente atitude que desenvolvem com relação à língua como símbolo social. Se é verdade que as mulheres apresentam maior consciência sobre os valores de status social do que os homens, então são justamente elas que demonstram mais sensibilidade ao significado social de variáveis linguísticas (TRUDGILL,1983, p. 87-88; 94).

Tal constatação tende a ser confirmada no Gráfico 9 a seguir, que relaciona as variáveis Gênero e Escolaridade. As mulheres, independentemente do grau de instrução, apresentam sempre pesos relativos indicativos de favorecimento da variante palato-alveolar em posição de coda (0,57 para *0-5 anos*; 0,56 para *6-9 anos*; 0,54, para *11 anos*), sendo que a faixa *mais de 14 anos de escolarização* exibe o valor mais alto, de 0,59.

Gráfico 9 – Produção da Variante Palato-Alveolar em Posição de Coda: Escolaridade e Gênero



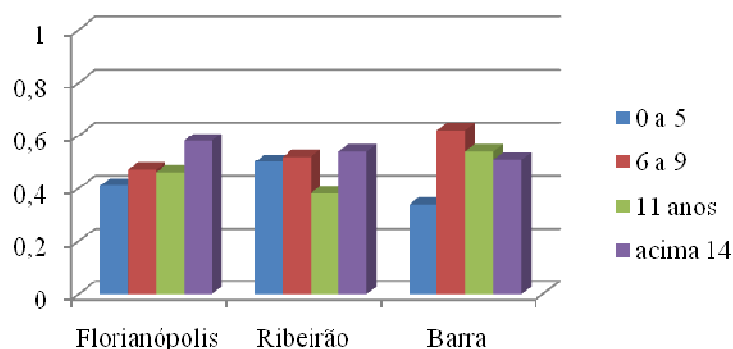
⁷ Embora os fatores *0-5 anos* e *11 anos* sejam estatisticamente idênticos e possam ser reunidos em um único fator, a amalgamação entre esses dois fatores e os fator *6-9 anos* não é estatisticamente aconselhável. De acordo com o cálculo de X^2 realizado, $p < 1$, ou seja, a diferença expressa pelos fatores é significativa e não deve ser eliminada. Sendo assim, mantemos a divisão da variável em quatro fatores.

Entre os homens, independentemente do grau de instrução, os pesos relativos são mais baixos (0,37 para *0-5 anos*; 0,46 para *6-9 anos*; 0,39, para *11 anos*) e também mais oscilantes de uma faixa a outra. Os indivíduos com escolarização superior apresentam peso relativo comparativamente mais alto, de 0,52, ao redor do ponto de referência.

Desse modo, o aumento no nível de escolarização dos homens, ocasiona o aumento na adoção da variante de prestígio; para as mulheres, esse aumento é menos marcado, visto que, independente do grau de instrução que possuem, respondem melhor ao padrão da comunidade.

Os indivíduos mais escolarizados do distrito de Florianópolis e do Ribeirão da Ilha apresentam-se como os que mais produzem a variante palato-alveolar em sua região, comportamento esse não exibido pelos falantes da Barra da Lagoa com o mesmo grau de instrução, conforme indica o Gráfico 10 a seguir.

Gráfico 10 – Produção da Variante Palato-Alveolar em Posição de Coda:
Escolaridade e Localidade



Desse modo, para Florianópolis é possível afirmar que quanto mais escolarização, mais favorecida é a variante palato-alveolar em posição de coda, pois os pesos relativos aumentam à medida que aumenta o grau de instrução do falante (0,41; 0,47; 0,46 e 0,58, respectivamente). Para Ribeirão da Ilha, a variante em exame também pode ser considerada de prestígio, já que os falantes com *mais de 14 anos* de escolarização apresentam o maior peso relativo, de 0,54. Os falantes incluídos nas faixas vizinhas de *0-5 anos* e *6-9 anos* de escolarização apresentam pesos relativos muito próximos, de 0,50 e 0,52. A depressão é verificada na faixa *11 anos* de escolarização, que exibe peso relativo de 0,38⁸.

Para a Barra da Lagoa, no entanto, o peso relativo referente à faixa *14 anos ou mais* de escolarização, de 0,51, aponta para a neutralidade do fator quanto à produção da variante palato-alveolar. As faixas *0-5 anos* e *11 anos* apresentam pesos relativos idênticos e indicativos de favorecimento (0,54). O valor mais alto apresentado para a região – 0,62 – refere-se à faixa *6-9 anos* de escolarização.

De modo geral, depreendem-se dois comportamentos distintos a partir dos resultados apresentados no Gráfico 10 anterior com relação à avaliação social da variante em exame: de um lado, Florianópolis e Ribeirão da Ilha⁹, regiões de interação social mais antiga, tendem a valorizar positivamente a variante palato-alveolar, já que são os falantes mais escolarizados

⁸O baixo peso relativo apresentado pelo fator *11 anos de escolarização* no Ribeirão da Ilha deve-se aos baixos pesos relativos apresentados pelos homens que se incluem nessa faixa (0,29 e 0,23), principalmente em comparação aos pesos relativos referentes às mulheres com o mesmo grau de instrução (0,66 e 0,55).

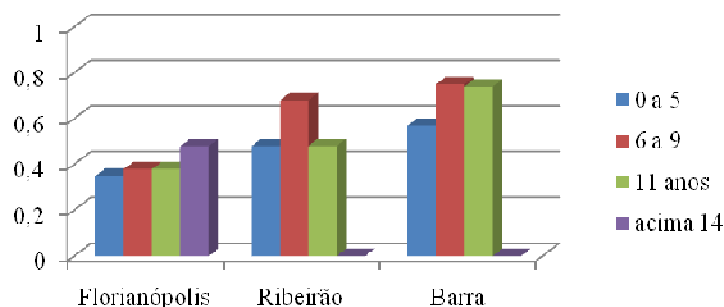
⁹ Os falantes com 14 anos ou mais de escolarização dos distritos de Ribeirão da Ilha e Barra da Lagoa incluem-se na faixa etária dos adultos jovens (25-40 anos).

os que a produzem mais intensamente; de outro lado, Barra da Lagoa, que demonstra neutralidade quanto à questão do prestígio da variante, muito embora os indivíduos com grau de instrução menor apresentem sempre pesos relativos indicativos de favorecimento.

O exame da relação entre as variáveis Escolaridade, Localidade e Faixa Etária permite que seja confirmada uma das constatações verificadas na análise do papel da idade do ilhéu urbano na produção da fricativa palato-alveolar. Inferimos dos resultados apresentados que a faixa correspondente aos adultos (41-60 anos) do distrito sede de Florianópolis parece ter sido a mais influenciada pela entrada na comunidade de novos moradores, principalmente a partir da década de 60, fato que, supomos, tenha provocado certo fortalecimento da variante alveolar em posição de coda.

Ao considerarmos os resultados apenas para a faixa etária dos adultos em relação ao grau de instrução dos falantes que nela se incluem, para cada um dos distritos em exame, conforme o expresso no Gráfico 11 a seguir, verificamos que independentemente do grau de instrução do falante, Florianópolis apresenta sempre pesos relativos indicativos do uso da variante palato-alveolar de menor valor (0,35, para 0-5 anos de escolarização; 0,38 para 6-9 anos e 0,38 para 11 anos)¹⁰. Apenas para os falantes que apresentam 14 anos ou mais de escolarização é que o peso relativo cresce, seguindo a tendência esperada para esse distrito, conforme mostra o Gráfico 10 anterior, mas mesmo assim o valor assumido (0,48) aponta para a neutralidade.

Gráfico 11 – Produção da Variante Palato-Alveolar em Posição de Coda: Escolaridade e Localidade para a Faixa Etária 41-60 anos



Tanto para o Ribeirão da Ilha quanto para a Barra da Lagoa verifica-se maior oscilação na produção da variante palato-alveolar com relação ao grau de instrução. Enquanto para a Barra da Lagoa, essa variante é mais produzida pelos adultos com mais anos de escolarização (0,57, para 0-5 anos de escolarização; 0,75 para 6-9 anos e 0,74 para 11 anos), para o Ribeirão da Ilha nota-se comportamento idêntico entre as faixas de menor e de maior grau de instrução (0,48) e aumento considerável na faixa intermediária (0,68).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada sob a perspectiva variacionista apontou a variante palato-alveolar como predominante na variedade florianopolitana do PB. Os resultados referentes às variáveis sociais revelaram que a produção mais significativa dessa se dá na Barra da Lagoa, distrito em que o processo de interação com pessoas provenientes de outras localidades é mais recente em comparação ao ocorrido no distrito do Ribeirão da Ilha e principalmente no

¹⁰ Apenas os indivíduos entre 41-60 anos nativos do distrito de Florianópolis apresentam dados referentes ao fator 14 ou mais anos de escolarização.

distrito sede de Florianópolis. Do ponto de vista estatístico, não foi constatado em nenhum dos distritos que a variante em exame esteja claramente espelhando uma atitude de reação por parte dos ilhéus à entrada de outros grupos na comunidade.

O quadro delineado no distrito de Florianópolis não caracteriza um caso de mudança em progresso, mas sim de variação estável, já que não se pode estabelecer uma correlação linear unidirecional entre a faixa etária dos informantes e o processo variável. A maior distância entre as três regiões em exame com relação à produção da fricativa palato-alveolar em posição de coda está na faixa dos adultos (41-60 anos) e parece ser motivada pelo baixo peso relativo exibido pelos falantes do distrito sede de Florianópolis. A história do processo de modernização sofrido pela Ilha leva-nos a conjecturar que tal comportamento seja decorrente do status prestigioso que o grande contingente de novos moradores e turistas desfrutou principalmente nas décadas de 60 e 70.

Adicionalmente, as mulheres mostram-se como as maiores produtoras da variante palato-alveolar em posição de coda em relação aos homens, sendo também as que apresentam comportamento mais homogêneo em relação às localidades em exame e às faixas etárias examinadas. O ilhéu *urbano*, homem ou mulher, inserido no mercado de trabalho, demonstra mais sensibilidade à variante alveolar em posição de coda do que o ilhéu interiorano.

Além disso, foi possível constatar através dos resultados apresentados que a variante palato-alveolar em posição de coda recebe avaliação social positiva principalmente em Florianópolis e Ribeirão da Ilha, onde é adotada pelos falantes mais escolarizados e, portanto, de maior prestígio intelectual. Na Barra da Lagoa, os indivíduos com tal grau de instrução exibem comportamento neutro. Desse modo, o grau de instrução dos falantes adultos (41-60 anos) originários do distrito de Florianópolis mostra-se pouco significativo para a explicação do padrão de uso da variante palato-alveolar em posição de coda para essa faixa etária. Tais índices são possivelmente devidos à maior sensibilidade dos falantes dessa faixa etária ao padrão alveolar, produzido majoritariamente pelo contingente de novos moradores e turistas que começaram a chegar ao município principalmente a partir da década de 60.

REFERÊNCIAS

- BRESCANCINI, C. R. *A palatalização da fricativa alveolar não-morfêmica em posição de coda no português de influência açoriana do município de Florianópolis: uma abordagem não-linear*. 1996. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- BROUWER, D.; Van HOUT, R. Gender-related variation in Amsterdam vernacular. In: BULL, T.; SWAN, T. (Ed.). *International Journal of the Sociology of Language*, Mouton de Gruyter, n. 94, p. 13-26, 1992.
- CALDAS FILHO, R. *Oh! Que delícia de Ilha*. 2. ed. Florianópolis: Paralelo 27, 1995.
- CALLOU, D.; MORAES, J. A de. A norma de pronúncia do S e R pós-vocálicos: distribuição por áreas regionais. In: CARDOSO, S.A M. (Org.) *Diversidade lingüística e ensino*. Salvador: EDUFBA, 1996. p. 133-147.
- CÂMARA JÚNIOR., J. M. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1977 [1953].
- FURLAN, O. A. *Subsistência luso-açoriana na linguagem catarinense*. 1982. 420 p. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

HORA, D. da. Fricativas coronais: análise variacionista. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (orgs.). *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: Viveiro de Castro Editora Ltda., 2003. p. 68-89.

LABOV, W. *Sociolinguistic Pattern*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. *Principles of linguistic change: internal factors*. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2001.

LAHIRI, A.; EVERS, V. Palatalization and coronality. In: PARADIS, C.; PRUNET, J-F. (Ed.). *Phonetics and phonology: the special status of coronals, internal and external evidence*. New York: Academic Press, 1991. *Phonetics and Phonology*, v. 2.

MOTA, J. A. O –s em coda silábica na norma culta de Salvador-BA. 2002. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ.

OLIVEIRA e SILVA, G. M.. Coleta de Dados. In: MOLLICA, M. C. (Org.). *Introdução à sociolinguística variacionista*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992. p. 101-114.

PEREIRA, N. do V. et al. *Ribeirão da Ilha: vida retratos. Um distrito em destaque*. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 1991.

PESSOA, M. A. Os pós-vocálicos na fala de Natal. *Atas do I Simpósio Diversidade Linguística no Brasil*. Salvador: UnBA, 1986.

TRUDGILL, P. *Sociolinguistics: an introduction to language and society*. Harmondsworth, Middlesex: Penguin Books, 1983.

SANTOS, S. C. dos. *Nova história de Santa Catarina*. 4. ed. Florianópolis: Terceiro Milênio, 1995.

SCHMEIL, L. *Alquila-se una Isla: turistas argentinos em Florianópolis*. 1994. Dissertação (Catarina Mestrado em Antropologia Social – Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa, Florianópolis).

VÁRZEA, V. *A Ilha: parte primeira de Santa Catarina*. Rio de Janeiro: Companhia Typographica do Brazil, 1900.

Apêndice

Trechos das respostas concedidas pelos informantes à questão: “O que você acha dos novos moradores da sua localidade, isto é, das pessoas de fora da Ilha que se mudaram para cá, e dos turistas? Você tem um bom relacionamento com eles ?

Informante c: mulher, 36 anos, superior completo, Florianópolis

[...] A pessoa que mora aqui não pode desfrutar das praias, ou não vai se aventurar a pegar fila e tal, já que ela não está acostumada a concorrer com os outros, o preço das coisas aumenta, o volume de pessoas dentro do supermercado é maior, o preço do comércio tende a aumentar e, muitas vezes, a gente é confundido com o turista e, vamos dizer assim, alguns mau intencionados querem tirar vantagem em cima da gente. Então isso assim não é uma coisa, assim, agradável para o florianopolitano, né. Ele acaba sendo desvalorizado por causa do turista.

[...] Normalmente o florianopolitano é amável com o turista, mas se ele está concorrendo ou tirando a tranquilidade que ele tem, fica difícil a pessoa ser dócil, aceitá-lo e tratá-lo bem.

Informante c: mulher, 41 anos, superior completo, Florianópolis

Os de fora vem a querem mudar as tradições. Descaracteriza. Teve uma época até que estava bem descaracterizado. O açoriano começou a deixar. Hoje em dia, não. Eles já estão mais voltando a essa realidade.[...] Os jovens não passaram por essa tradição aí [...], mas na época do outro prefeito, Edson Andrino, ele era bem manezinho, da Lagoa da Conceição. Ele começou a resgatar os valores, né. E eu acho que hoje em dia estão bem resgatados, né. Você vê algumas partes aí, na Barra da Lagoa, Santo Antônio de Lisboa, né. Bem açoriana mesmo. E eles querem cultivar essa cultura pelas casas, a maneira que eles falam, tudo.

Informante q: mulher, 63 anos, 6-9 anos de escolaridade, Florianópolis

[...] se o estrangeiro vier pra cá e também dizer que é da Ilha... manezinho... aí não dá, né! [...] Não são filho daqui. Mas aí não dá! Isso é uma coisa de filho da Terra!

Informante n: homem, 30 anos, superior completo, Florianópolis

Há [em Florianópolis] uma miscigenação muito grande de pessoas de São Paulo, Rio, Minas, Bahia e Rio Grande do Sul principalmente, que se atraem pela beleza natural e vão fazendo com que a cultura em si fique escassa, né. Vão impondo a cultura de outras cidades.

A mão-de-obra de fora é valorizada porque dizem que o ilhéu é preguiçoso [...]. O pessoal não se atualiza e também não valoriza o seu passado [...]. O que falta mesmo é o pessoal mesmo se valorizar e daí não abre a prerrogativa de contratação externa, né [...].

Informante h: homem, 54 anos, superior incompleto, Florianópolis

Investir no turismo é importantíssimo também ... talvez evitar que chegue mais gente [...]. Atrás dessa qualidade de vida, talvez. Até atrás dessa tranqüilidade. Até marginais vindo atrás desse sossego pra explorar isso aí, né, o lado negativo, de assalto, roubo. Tirar um pouco do sossego daqui [...]. A cidade sempre foi tranqüila pra nós. Nós vivemos aquela fase mais tranqüila ainda. E a gente, comparando o passado, vê que aqui já foi mais sossegado. Tá perdendo um pouco o sossego, a tranqüilidade e morar aqui. Então, talvez, tá na hora de fechar a ponte... só sai, não entra.

Informante x: homem, 68 anos, 11 anos de escolaridade, Florianópolis

Eu não tenho nada a contestar quanto a vinda dessas pessoas, porque em geral são famílias boas, pessoas boas que estão ajudando também, na sua maneira, ao seu modo de viver, para o desenvolvimento desta cidade. São pessoas de boa índole, de bom relacionamento e que até eles se integram na nossa sociedade em diversas áreas. Isso aí é importante [...]. Será que nós, daqui de Florianópolis, se nós fossemos para a cidade dele, nós faríamos o que eles estão fazendo ? Se integrando no nosso meio, nas entidades de ajuda aos menos favorecidos, na igreja, né, nas atividades da igreja [...]. E eles são muito seguros, amigos e participativos ... Eu acho importante a vinda deles, porque o número de pessoas boas que vem pra cá é maior, é a sua totalidade, daquelas pessoas que não deveriam vir [...]. Há lugar para todos! A cidade está crescendo e tem muita área para construção [...]

Informante x: mulher, 24 anos, superior completo, Barra da Lagoa

[...] e uma das coisas que eu acho mais legal aqui na Barra é assim [...] com todas essas pessoas de fora, a Barra não perdeu a identidade dela [...]. Porque os pescadores continuam a mesma coisa, aquela fala manezinho, cantado, continua a mesma coisa [...]. Quando eu vou falar com pessoas mais velhas, assim, eu vou na mesma linha delas, sabe [...]. E a Barra não perdeu isso. Existe essas pessoas que continuam falando manezinho, sabe, no mesmo ritmo.

Informante z: mulher, 28 anos, superior completo, Barra da Lagoa

Tem o turista que vem, que fica dias [...], um mês que seja, e vai embora [...]. Que utiliza o seu espaço, que suja ou sei lá, que usa indevidamente, né. Porque a maioria das vezes é um provo que n!ao tá nem aí. Se a praia vai ficar suja, se a tua cada vai ficar suja [...] e tem aquele que vem, conhece e fica. Eu acho que esse é um povo perigoso, assim [...]. É um povo mais difícil de se trabalhar porque ele acaba descaracterizando teu ambiente[...] Atualmente, tu já tá vivendo como uma cidade; tu já não sabe mais quem é o teu vizinho.

Antes [o barrense] vivia em uma comunidade onde todos dançavam a mesma música. Agora, não. Agora vem um que fala um pouquinho mais bonitom, que fala umas palavrinhas que eu não entendo [...] e que se acham superiores mesmo. Que vem, que moram aqui e que em algum evento, algum movimento da comunidade... é ele que tá lá ditando as normas. Daqui a pouquinho, já é presidente da igreja, já é presidente do colégio [...]. E vão criando raízes e aí sim o povo da Barra vai morrendo[...]. O que era antes um domínio, agora já não é mais. Agora tu só é mais um participante de uma comunidade, que já tá mista. Já não tem mais a tua cultura, as tuas tradições ... atualmente tá cada vez menos.

Informante = : homem, 33 anos, superior incompleto, Barra da Lagoa

[...] Tu gosta da Barra da Lagoa e tu faz parte da minha comunidade. Não é porque você não é nativa[...] e tá aqui já há quatro, cinco anos... Vamos trazer essas pessoas também pra nós, até porque se veio pra cá é porque gosta da raiz, gosta do nativo. Então vamos trabalhar essa pessoa pra ficar mais no grupo da comunidade[...]

Informante d: homem, 41 anos, 11 anos de escolaridade, Barra da Lagoa

Os novos moradores, a maioria, são tudo um saco. Eles vão dando leis disso, que “não quero barulho daquilo” ... Não pode botar um som ... e exige um monte de coisa, que eles viveram em uma cidade grande, então, eles também ficam meio louco também [...]. Não gosto muito, não [...] Tenho um vizinho de Porto Alegre, tenho um de Curitiba, tem um de Florianópolis ... Eles são um saco!

O turista traz muita coisa boa, mas 70% não é coisa boa. É coisa ruim... [...] Hoje tudo pega um ônibus da Barra para o centro, tem 50 passageiros, 10 tu conhece, 40 tu já não conhece mais. Aí tu vê, o cara falando gaúcho, falando mineiro, falando paulista ... e aí tu já não vê mais, né, ... a comunidade pegando ônibus, né.

Informante h: homem, 41 anos, 0-5 anos de escolaridade, Barra da Lagoa

Foi muito bom [morar na Barra da Lagoa]. Um lugar pequenininho como o nosso [...], cresceu um pouco, mas não foi muito bom tanto assim. Não foi muito bom assim porque se tivesse um regulamento [...] de escolher o pessoal pra mim. Se tivesse um regulamento par adar um passaporte para aquelas pessoas [...] Eles trazem muita gente ruim porque tem em quantidade que bota os filhos aí morando e vai-se embora. Os filhos começa nessa praia e começa a encontra aquela gente meia coisa, meia coisa, e fica tudo ruim. Fica tudo ruim! Quantos pai lá, quantas mãe tá lá, que os filho tão aqui [...]

Data de submissão: 16/05/2014

Data de aceite: 02/04/2015